

GILLES PRONOVOST¹ E O FUTURO DA SOCIOLOGIA DO LAZER: ENTREVISTA

Luiz Octávio de Lima Camargo²

São Paulo, SP, Brasil

RESUMO: O texto traz uma entrevista com Gilles Pronovost, realizada através de emails sobre os seus principais temas: tempos sociais, trabalho, família e cultura. Para entender o significado de Gilles Pronovost na sociologia do lazer, basta lembrar que, para ele, o país mais adequado para um pesquisador brasileiro iniciar no estudo do lazer, Joffre Dumazedier não era a França, seu país, nem os Estados Unidos, onde ele dizia ter feito sua antiga formação acadêmica em Letras, tornando-se sociólogo, trabalhando com Lazarsfeld e Riesman, mas o Québec. Dizia ele que, nesta província canadense, francófona mas com intensos laços com a comunidade anglófona circundante, os estudos do lazer têm a singularidade de buscar uma síntese entre o “humanismo” europeu e o “pragmatismo” anglosaxão e não hesitava em destacar o protagonismo de Gilles Pronovost, pelos seus estudos e pela criação e direção do Laboratório de Tempos Sociais da Universidade do Québec-à-Trois-Rivières e da revista bilingue *Loisir \$ Société/ Leisure \$ Society*. Após a morte de Dumazedier, ele integra, junto com Geoffrey Godbye nos EUA, Robert Stebins no Canadá, Chris Rojek no Reino Unido, Lallive d’Épinay, na Suíça, Roger Sue e Jean Viard na França, a galeria dos principais sociólogos do lazer na atualidade.

Palavras-chave: Lazer. Tempos sociais. Trabalho. Família. Mídia.

GILLES PRONOVOST AND THE FUTUR OF SOCIOLOGY OF LEISURE: INTERVIEW

ABSTRACT: The text brings an interview with Gilles Pronovost, made through emails about his main themes: leisure, social times, work, family and culture. In order to understand the meaning of Gilles Pronovost in the sociology of leisure, it is enough to remember that for Joffre Dumazedier, the most suitable country for a Brazilian researcher to start in the study of leisure was not France, his country, nor the United States, where he said he had remade his old academic formation in Letters, becoming sociologist, working with Lazarsfeld and Riesman, but the Quebec. He said that in this Canadian province, francophone but with strong ties with the surrounding anglophone community,

¹ O currículo e produção acadêmica do entrevistado estão disponíveis no site : http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/even/gricis/CV_PDF/CV_Pronovost.pdf. Ver também o site pessoal : https://oraprdnt.uqtr.quebec.ca/pls/public/gscw030?owa_no_site=2841

leisure studies have the singularity of seeking a synthesis between European "humanism" and anglo-saxon "pragmatism" and did not hesitate to highlight the protagonism of Gilles Pronovost, for his studies and the creation and direction of the Laboratory of Social Times of the University of Québec-à-Trois-Rivières and the bilingual magazine *Loisir \$ Société / Leisure \$ Society*. After Dumazedier's death, he joined Geoffrey Godbye in the USA, Robert Stebins in Canada, Chris Rojek in the United Kingdom, Lallive d'Épinay in Switzerland, Roger Sue and Jean Viard in France, in the gallery of leading leisure sociologists nowadays.

Keywords: Leisure. Social times, Work. Family. Mass media.

GILLES PRONOVOST Y EL FUTURO DE LA SOCIOLOGIA DEL OCIO: ENTREVISTA

RESUMEN: El texto trae una entrevista con Gilles Pronovost, realizada a través de mensajes de correo electrónico en sus principales temas: ocio, tiempos sociales, el trabajo, la familia y la cultura. Para entender el significado de Gilles Pronovost en la sociología del ocio, sólo basta recordar que, por Joffre Dumazedier el país más adecuado para un comienzo de un investigador brasileño en el estudio del ocio no era Francia, su país, no los Estados Unidos, donde se afirmaba tener rehecho su antigua formación académica en la literatura, convirtiéndose sociólogo trabajando con Lazarsfeld y Riesman, pero el Québec. Dijo que, en esta provincia francófona canadiense, pero con fuertes lazos con la comunidad anglófona rodea, los estudios de ocio tienen la singularidad de la búsqueda de una síntesis entre el "humanismo" europeo y el "pragmatismo" anglo-sajón y no dudaba en poner de relieve el papel de Gilles Pronovost, por sus estudios y la creación y dirección del Laboratorio de los Tiempos Sociales de la Universidad de Quebec a Trois-Rivières y de la revista bilingüe *Loisir \$ Société / Leisure \$ Society*. Después de la muerte de Dumazedier, se integra, junto con Geoffrey Godbye en los EUA, Robert Stebins Canadá, Chris Rojek en el Reino Unido, Lallive d'Épinay, Suiza, Roger Sue y Jean Viard Francia, la galería de los principales sociólogos de ocio hoy en día.

Palabras-clave: Ocio. Tiempos sociales. Trabajo. Familia. Midia.

P. Começemos falando de você. Quais são suas atividades atuais?

R. Nos últimos dez anos eu realizei pesquisas empíricas sobretudo com jovens (sondagens e entrevistas dirigidas). Por exemplo : realizei duas sondagens, cada uma com amostras de mais de 2.000 jovens de 10 a 15 anos. Isto me permitiu proceder a uma descrição empírica dos múltiplos universos jovens, seus campos de ação, suas relações com o tempo, suas atitudes em relação ao meio ambiente, a evolução das influências familiares e

² Programa Pós-Graduação em Hospitalidade-Universidade Anhembi Morumbi-SP. Programa de Mestrado em Turismo – Universidade de São Paulo-EACH.

dos grupos de iguais, etc.³ Ainda fui diretor de um órgão que tem a finalidade de promover a transferência de conhecimentos entre os pesquisadores nos campos da família e da infância. Organizei colóquios e sessões de informação⁴. Esta organização encerrou suas atividades em 2010. Mas a experiência me levou a analisar a influência do meio familiar sobre os jovens e a evolução de suas atividades de lazer, de cultura e de sociabilidade⁵.

P. E especificamente na sociologia do lazer?

R. Nunca deixei de estudar o lazer. Desde o começo de minha carreira, trabalhei em cima dos estudos de emprego do tempo, também chamados de orçamento-tempo (*time-budget studies*) e, de modo geral, sobre a sociologia do tempo. Eu me interessei também pela sociologia da cultura, principalmente o estudo das práticas culturais entre os jovens, as diferenças intergeracionais, etc, apoiando-me sempre sobre sondagens regulares de participação cultural realizadas no Québec. Atualmente, existem oito, que se estendem de 1979 a 2014: evolução dos hábitos de leitura, frequência a estabelecimentos culturais, etc. Estou terminando a revisão para a 3ª edição de um *Traité de sociologie empirique du loisir*, que deverá ser lançado em 2017.

Sobre a noção do lazer

P. Em Temps, culture et société, você aponta para uma visão ocidentocentrista (essa é a sua expressão) disseminada de um lazer produzido pela revolução industrial. Isto significa que outras dinâmicas socio-históricas menos estudadas também têm sua participação?

R. Eu penso efetivamente que essa visão afeta a todos nós. O «núcleo», o centro desta concepção insiste na visão da transformação das relações entre o trabalho e o lazer. Mais: vê o lazer como uma espécie de ganho de tempo sobre o trabalho. Este tende a se estruturar e eventualmente a se reduzir em proveito de jornadas de trabalho mais curtas, de fins-de-semana prolongados e férias mais longas. Eu próprio analisei no meu livro, por você citado, este fenômeno que está no cerne da história das sociedades ocidentais e iniciou com a Revolução Industrial na Inglaterra. O que varia enormemente segundo as culturas e as sociedades é evidentemente a trama histórica de um tal movimento: por exemplo, há enormes diferenças entre países em desenvolvimento (pense-se, por exemplo, na situação

³ As principais referências deste trabalho são: *L'univers du temps libre et des valeurs chez les jeunes*, Québec, Presses de l'Université du Québec, 2007, 174 p.; *Comprendre les jeunes aujourd'hui. Trajectoires. Temporalité*, Presses de l'Université du Québec, 2013, 153 p. (pode-se ter um resumo do conteúdo no site https://oraprdnt.uqtr.quebec.ca/pls/public/gscw031?owa_no_site=2853&owa_no_fiche=2&owa_aperçu=N&owa_imprima=N&owa_bottin=).

⁴ <http://www.uqtr.ca/cdrfq/default.html>

⁵ Há algumas referências no seu site pessoal: https://oraprdnt.uqtr.quebec.ca/pls/public/gscw030?owa_no_site=2841

de Bangladesh) e os países industrializados.

P. Isso significa que o lazer produzido também varia nas diferentes culturas e sociedades?

R. O que também varia são as concepções ligadas ao lazer: em algumas culturas, há mais ênfase no desporto e nas atividades ao ar livre, em outras, nas atividades de sociabilidade; em países francófonos, você colocar um pouco mais de ênfase na cultura, etc. Além disso, os significados de lazer variam muito segundo os ciclos de vida (adolescentes, pais jovens, idosos, etc.).

P. Você sempre deixou claro que seu terreno de observação são as sociedades urbanas desenvolvidas (Canadá, EUA, Europa Ocidental). Em todo caso, cabe perguntar: na ausência de uma revolução industrial, outros fatores não devem também ser levados em conta?

R. Eu me sinto incapaz de responder a uma questão tão ampla que pode nos levar a narrativas históricas fáceis, senão duvidosas. A hipótese central da sociologia do lazer, na minha perspectiva, é com efeito que a industrialização « produziu » o lazer essencialmente através de três processos : a regularização do tempo de trabalho (cf. os trabalhos clássicos de E.P. Thompson), a divisão do trabalho ; a disciplina do tempo de trabalho.

P. Como a nova circunstância do trabalho industrial afetou o lazer?

R. O lazer surgiu de uma espécie de separação violenta do tempo de trabalho dos outros tempos sociais. A estruturação progressiva do tempo de trabalho deslocou todos os outros tempos, inclusive o tempo religioso, o tempo de sono e o tempo familiar. Para retomar os trabalhos de Edward P. Thompson, pode-se dizer que durante o período agrícola, o tempo consagrado a uma atividade era medido pela tarefa a ser executada: por exemplo, para colher uma safra, o tempo a ser despendido dependia da temperatura, da importância da safra, etc. Com a industrialização, essa medição não tem sentido. Não se mede o tempo de trabalho de um operário pelo tempo necessário para construir um carro, porque diariamente é produzido um grande número deles, sendo que cada operário tem uma tarefa específica – é a divisão do trabalho. A única possibilidade é definir o tempo de trabalho não pela tarefa a cumprir mas pelo tempo que se dedica a isso cada dia : 10-12 horas diárias nos primeiros tempos da industrialização, mas uma tal duração foi progressivamente reduzida para as 7-8 horas atuais, essencialmente graças às greves sindicais. Uma das consequências foi ter de reorganizar o tempo cotidiano e hebdomadário ao redor de um tempo central, o do trabalho ; muitas festas religiosas tiveram datas alteradas. Isto afetou também o tempo de sono, com a introdução do trabalho noturno.

P. A primeira visão do lazer foi pois a do não-trabalho?

R. Diante dessas circunstâncias, a jornada cotidiana, pontuada pelos horários de trabalho, levou progressivamente à identificação de um tempo fora do trabalho, associado no princípio ao repouso, à educação, às práticas religiosas, ao esporte. Por exemplo, a pesquisa internacional sobre o uso do tempo dirigida por Szalai⁶ integrava sob o código « lazer » as atividades religiosas e o tempo consagrado à educação, o que não se faz mais hoje, é claro!

P. Nessa arqueologia do conceito do lazer, que outros desdobramentos podem ser ressaltados?

R. Na verdade, aos poucos foi possível identificar o tempo próprio do lazer, com seus próprios valores. Foi separado do tempo do simples repouso, da educação, das práticas religiosas. São conhecidos os trabalhos de Georges Friedmann sobre o lazer como compensação do trabalho em migalhas. Joffre Dumazedier tentou conceituar sociologicamente tais valores : descanso, divertimento, desenvolvimento. Progressivamente, o lazer foi considerado como um direito do qual todo ser humano deve poder desfrutar, de forma que hoje uma pessoa que nunca lê, não tira férias, não pratica algum esporte é quase uma exceção.

P. Vivemos assim um momento de institucionalização do lazer?

R. Sim, o lazer foi progressivamente institucionalizado em nossas sociedades, incorporou-se a ponto de merecer atenção de nossos sistemas políticos, sendo objeto de investimentos em parques, centros culturais e esportivos, apoio às associações voluntárias, etc. O fato de poder hoje identificar « políticas de lazer », ainda que tímidas e fragmentadas, é um sinal de institucionalização do lazer em nossas sociedades. Não se pode mais compreender o lazer sem considerar os recursos que os Estados modernos lhe consagram, pois o sistema político é essencialmente orientado para finalidades e objetivos coletivos determinados por uma coletividade e o fato de a política investir no lazer indica que este faz parte de nossos valores.

P. A urbanização não teria um papel a desempenhar nesse processo?

R. Eu penso que a urbanização é uma consequência, não uma causa. Mas, em razão das defasagens históricas entre as diversas nações ou sociedades (a Inglaterra é o berço da revolução industrial, que se disseminou segundo uma temporalidade diferente nas outras

⁶ SZALAI, Alexander et al. (ed.) **The Use of Time. Daily Activities of Urban and Suburban Populations in Twelve Countries**, La Hague, Paris, Mouton, 1972. 868 p.

sociedades), pode acontecer que os dois processos coexistam : a cidade se alimenta de imigrantes rurais desenraizados ou à busca de emprego e melhores condições de vida. O lazer aí se desenvolve porque o trabalho está regularizado no tempo e no espaço.

Sobre o trabalho e o lazer

P. Falemos agora sobre o tempo de lazer em si. A tendência de aumento observada ao longo do século passado se mantém?

R. Em meu último livro⁷, publicado no ano passado, eu comparei as tendências no uso do tempo no Quebec, França e Estados Unidos. Ora, com base em levantamentos das chamadas pesquisas de orçamento-tempo, que se estendem por várias décadas, agora vemos uma reversão histórica. Enquanto, no século passado, o tempo de trabalho tendia a diminuir de forma constante e o principal "ganhador" deste tempo liberado do trabalho foi o tempo consagrado a atividades de lazer, há duas décadas nota-se o movimento inverso. Assim, em relação ao século passado, trabalha-se hoje por semana quatro horas a mais no Quebec, três a mais na França e 2 horas mais nos Estados Unidos.

P. Isso significa que as pessoas estão trabalhando mais?

R. Não necessariamente. Parece claro para os analistas que talvez as pessoas não estejam trabalhando mais, mas certamente mais pessoas estão trabalhando. O fenômeno é, assim, explicado principalmente pela taxa de participação feminina (elas hoje trabalham majoritariamente em tempo integral) e pela elevação da escolaridade da população, pois são os mais escolarizados que trabalham mais.

P. Mas, de qualquer maneira, o tempo vivido globalmente pela sociedade como lazer diminui?

R. A principal consequência é uma redução quase equivalente no tempo de lazer. Esta é uma inversão histórica sem precedentes. E no lazer, não há nenhuma evidência de redução no tempo gasto com a televisão (que, na verdade, tende agora a aumentar); são as atividades culturais (saídas e leitura, especialmente) que são afetadas por tal declínio.

P. Esta tendência terá continuidade?

R. Sem dúvida, ainda um pouco⁸. A tabela abaixo dá uma ilustração de encontro.

⁷ **Que faisons-nous de notre temps. Vingt-quatre heures dans la vie des Québécois. Comparaisons internationales**, Presses de l'Université du Québec, 2015. 116 p.

⁸ O entrevistado remete os leitores ao site https://oraprdnt.uqtr.quebec.ca/pls/public/gscw030?owa_no_site=3954 que ilustra esta tendência.

A duração do tempo de trabalho da população empregada de 18 a 64 anos

	1986	1992	1998	2005	2010
QUÉBEC					
Trabalho remunerado	37,8	34,2	34,2	36,4	38,9
Outras atividades ligadas ao trabalho	4,3	4,9	3,8	3,4	2,5
Deslocamentos	4,2	3,4	3,5	4,0	4,5
TOTAL	46,3	42,5	41,5	43,8	45,9
RESTANTE DO CANADÁ					
Trabalho remunerado	37,5	39,5	38,5	40,2	38,4
Outras atividades ligadas ao trabalho	4,4	3,8	3,6	3,0	2,6
Deslocamentos	3,8	3,7	3,9	4,3	4,4
TOTAL	45,7	47,0	46,0	47,6	45,5
FRANÇA					
Trabalho remunerado	29,3		34,8		33,5
Outras atividades ligadas ao trabalho	4,5		1,3		1,7
Deslocamentos	3,7		3,9		4,9
TOTAL	37,3		40,0		40,1
ESTADOS UNIDOS					
	2003	2005	2010	2014	
Trabalho remunerado	36,8	36,7	36,8	38,3	
Outras atividades ligadas ao trabalho	0,4	0,3	0,3	0,3	
Deslocamentos	3,2	3,1	3,2	3,2	
TOTAL	40,3	40,2	40,4	41,8	

Sobre a jornada de trabalho e o universo digital

P. A atual jornada de trabalho é o resultado deste longo acerto entre os meios de produção e a mão-de-obra trabalhadora. Mas o mundo virtual hoje não compromete este acordo? Com o correio eletrônico e os aplicativos de comunicação interpessoal, para muitos setores este acerto não é enganoso, já que se tende a trabalhar muito mais do que as horas acertadas no contrato de trabalho?

R. Os estudos de uso do tempo medem muito mal um fenômeno hoje generalizado: a porosidade dos tempos sociais. Passa-se facilmente de um tempo para outro (ver *emails* durante as aulas ou trabalho, por exemplo) e é inegável que muitas atividades se distribuem no mundo digital, independentemente do tempo e do espaço. Isso contribui para o fato de que é mais difícil de determinar, por exemplo, todas as atividades diárias dedicadas ao

trabalho, que podem acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora. Mas esquecemos que acontece o mesmo com as atividades culturais. Estudos americanos indicam que o público de eventos culturais (“performances”, artes visuais) é da mesma ordem de magnitude no local do que por meios eletrônicos interpostos, que cerca de 15% da população americana só “consome” cultura através da mídia, que a audição de música clássica, do jazz, de peças de teatro é geralmente duas vezes mais importante através da televisão do que na sala de espetáculos.

P. Isto quer dizer que as mídias hoje são as grandes promotoras da difusão cultural?

R. Claro! No domínio artístico, particularmente, a participação cultural através das mídias interpostas tornou-se muito importante. Os estudos americanos o demonstram claramente (por exemplo, os trabalhos do *National Endowment for the Arts*⁹). No Canadá, foi concluída recentemente uma pesquisa sobre tais fenômenos mostrando a utilização sistemática do mundo digital em todas as atividades cotidianas. Em breve, teremos acesso a todos os resultados e podemos voltar a falar disso.

P. Os estudos de uso do tempo também medem mal a influência do mundo digital e seu lugar real.

R. Sim, já que trabalhar no escritório ou no computador é sempre trabalho. Assim, as modalidades, os conteúdos, a organização do tempo e do espaço são desarrumados. É porque, como você bem notou, nos estudos de uso do tempo será necessário levar em conta as atividades complementares, secundárias, etc.

P. Não estaremos voltando à mesma situação de tempos sociais integrados da sociedade pré-industrial?

R. Não iria tão longe. Vejo sim um novo fenômeno a ser analisado, o da pluriatividade, a coexistência no mesmo tempo e no mesmo espaço de atividades paralelas e interligadas.

Sobre o lazer e a família

P. Sua dupla atividade de sociólogo do lazer e da família certamente lhe permite uma

⁹ 2008 Survey of Public Participation in the Arts, (2009), Washington, D.C., National Endowment for the Arts, Research Report #49, 93 p.

Audience 2.0: how technology influences arts participation, Washington, Washington, DC : Office of Research & Analysis, 2010. 150 p.

Beyond attendance. A multi-modal understanding of arts participation, Washington, National Endowment for the Arts, 2011. 104 p.

How a nation engages with art. Highlights from the 2012 survey of public participation on the arts (2013), Washington, D.C., National Endowment for the Arts, Research Report #57, 52 p.

visão privilegiada dos dados sobre o lazer familiar? Mas antes, o que é esse tempo familiar?

R. O « tempo familiar » é aquele no qual dois ou mais membros da família praticam juntos alguma atividade. Mas a natureza e o conteúdo deste tempo variam durante o ciclo de vida das famílias. Os jovens casais estão quase sempre juntos, seu tempo familiar é o mais elevado, mas são apenas dois. Depois vem o *tempo parental* quando o casal tem filhos; o tempo familiar torna-se então sobretudo um tempo parental, de exercício da paternidade, de cuidados com os filhos e de prática de atividades com eles (jogos, passeios, etc.). Este tempo tende a diminuir à medida em que as crianças procuram se distanciar da influência dos pais. O casal se reencontra pouco a pouco. Parece-me que se assiste neste caso a um fenômeno histórico normal ligado ao ciclo de vida das famílias.

P. Com os eletrodomésticos e a evolução da engenharia doméstica, certamente houve diminuição do tempo dedicado às obrigações familiares e benefícios ao tempo de lazer. Esse tempo familiar continua diminuindo?

R. Eu não conheço os dados americanos ou de outros países, mas no Canadá os estudos de emprego do tempo mostraram uma diminuição real do tempo familiar no último terço do século XX. Mas, desde então, paradoxalmente, o tempo familiar e o tempo de cuidados com as crianças tendem a crescer, em parte por causa dos serviços públicos do tipo creche, as férias parentais e os horários flexíveis. As pessoas têm menos filhos, mas a preocupação com a sua educação e o seu bem estar são tão prementes que os pais procuram estar mais presentes ao lado deles.

P. Em conferência realizada no Brasil¹⁰, você manifestou uma preocupação sua especificamente com relação às novas influências na vida dos adolescentes, que se afastam da influência dos pais após aproximadamente os 10 anos. Quais são as novas influências?

R. Efetivamente, a chegada da puberdade dos filhos alivia os pais de tarefas, já que eles os procuram menos. Mas uma nova preocupação surge e é com a vida social dos filhos, as companhias, os *peer-groups*. É um momento em que a atenção dos pais não pode faltar nem falhar.

P. Resumindo : até o nascimento dos filhos, o casal tem uma vida variada, que se fecha no ambiente doméstico até a puberdade dos filhos, quando estes buscam novos ares. A vida em família fenece, então?

R. O que se faz em família? Passeios, viagens, televisão. A refeição em família continua existindo mas diminui com o crescimento das crianças e a individualização crescente da alimentação.

¹⁰ Publicada em MELO e TAVARES. **O exercício reflexivo do movimento**. Rio: Shape, 2006, p.50-71.

P. Com relação ao lazer familiar, onde estamos ao final da segunda década deste século?

R. Os « lazeres familiares » são, principalmente, condicionados pelo ciclo de vida das famílias e o seu padrão de vida. Por exemplo, os casais sem filhos têm a oportunidade de praticar diversas atividades culturais, mas desde a chegada do primeiro filho, eles se vêem obrigados a restringir o seu tempo de lazer para o benefício do tempo dedicado aos seus filhos. Na verdade, as famílias que têm menos tempo de lazer são os casais com crianças pequenas. À medida em que estas crescem, o tempo dedicado à família diminui novamente em proveito de atividades culturais mais numerosas.

P. Ou seja, no início do casamento, um dos preços a pagar é a diminuição das saídas de casa?

R. É verdade! Os filhos pequenos exigem que os pais abandonem, por um tempo, o campo da cultura: menor frequência a museus, galerias de arte, livrarias, museus e até bibliotecas. Da mesma forma, com as exceções de shows que poderiam ser chamado de populares – concertos de rock, circenses, humorísticos, por exemplo - as saídas de casa acontecem com menor intensidade; este é particularmente o caso do cinema, do teatro e das comédias musicais. A razão é, como vimos, que a maior parte do tempo com a família é centrada nas crianças, às quais os pais consagram bastante tempo. Muitas vezes, em situação de mobilidade profissional, o casal deve igualmente dedicar cada vez mais tempo ao trabalho, o que contribui para diminuir ainda mais as saídas.

Sobre políticas públicas e lazer

P. Sabe-se que todas as políticas públicas ligadas ao lazer e campos conexos como cultura, esportes, turismo, têm em comum o desejo de retirar os indivíduos de suas casas, verdadeiras celas. A casa ainda é o mais importante equipamento de lazer?

R. A maior parte do tempo cotidiano é vivida no lar, em razão do tempo consagrado ao sono (bastante estável) e à televisão (em alta recentemente). O envelhecimento da população também tem um impacto do fenômeno. Passamos assim 70% do nosso tempo livre cotidiano em casa e esta cifra é estável. Eu considero o fato menos como uma prisão e mais como um lugar escolhido de acordo com nossos estilos de vida. E como o tempo de trabalho tem tendência a crescer após várias décadas, para poder passar mais tempo fora de casa, é preciso consagrar menos tempo às tarefas domésticas ou ao tempo consagrado às compras de toda natureza... ou, ainda, diminuir nosso tempo de sono. Tudo se resume assim a uma estratégia de emprego do tempo cotidiano.

P. Por ocasião dos Jogos Olímpicos de Montreal, Dumazedier escreveu que o lazer ao ar livre seria a tendência mais importante do futuro do lazer. A organização dos espaços verdes e azuis seguiu essa tendência?

R. Efetivamente, vivemos a obsessão do ar livre e tudo tem caminhado nessa direção. As políticas de lazer das cidades são em grande parte políticas de organização do espaço urbano de forma a permitir por exemplo a caminhada, o ciclismo. Estão ainda fortemente ancoradas na implantação de parques e espaços verdes. Em nossa concepção contemporânea do lazer, encontramos uma visão da natureza como modelo, temos impressão de ser mais naturais quando estamos na natureza. Há aqui uma relação antropológica natureza-cultura que necessita de ser mais bem estudada.

P. Será que existe uma sociedade que tenha sua identidade baseada no lazer?

R. Isto não tem sentido. As sociedades contemporâneas estão baseadas sobre os valores do trabalho e da família, mas elas igualmente integraram o valor do lazer como fato para a sociedade e como exigência de cidadania, ao redor dos valores de educação, de cultura, de saúde, por exemplo.

P. Na política, as reivindicações relativas ao lazer ainda são tidas como conservadoras pela esquerda?

R. Esquerda-direita é uma dicotomia obsoleta.

P. Qual o lugar do lazer no conjunto de valores de uma sociedade, ao menos das ocidentais?

R. Todos os estudos de valores que eu conheço chegam regularmente às mesmas conclusões. As prioridades de vida estão baseadas no trabalho, na família, na saúde, sendo que o lazer ocupa aí um lugar relativo mas importante. Não se pode esquecer também o fenômeno da « individualização dos valores » que vêm com força no bojo da importância crescente do mundo digital em nossas vidas¹¹.

Sobre o legado e o futuro da sociologia do lazer

P. O Comitê de Lazer foi um dos primeiros criados dentro da Associação Internacional de Sociologia. Hoje o campo das práticas do lazer vem sendo disputado com outras disciplinas. Pode-se falar em concorrência?

¹¹ BRÉCHON, Pierre et TCHERNIA, Jean-François. **La France à travers ses valeurs**. Paris : Armand Colin, 2009. BRÉCHON, Pierre et GALLAND, Olivier (sous la direction de). **L'individualisation des valeurs**. Paris: Armand Colin, 2010.

R. A sociologia do lazer, que antes ocupava todo o campo do lazer, tem visto muitas outras disciplinas investir em alguns campos especializados. Este é particularmente o caso do turismo, onde a geografia, em particular, tem investido fortemente, assim como os estudos em economia e gestão. Por isso, tais disciplinas têm procurado, como a sociologia do lazer em seus estágios iniciais, definir um campo específico que o diferenciasse da sociologia do lazer, e até mesmo para concluir, por vezes, que o seu "campo" (por exemplo, o turismo) é mais "amplo" do que o de lazer ou até mesmo o englobaria (por exemplo, na França, o trabalho ditos de *tourismologie* e no Québec de *teorologia*).

P. Pode-se dizer que as disciplinas científicas têm uma concepção fundiária de seu objeto?

R. Sim, mas são tentativas, de certo modo vãs, para a busca de legitimidade científica. Todo campo social, qualquer que seja, é poroso, múltiplo, diversificado. Ele pode ser estudado, analisado por qualquer disciplina das ciências sociais; querer se apropriar de um campo, exigir exclusividade na sua abordagem, querer apresentá-lo como dominante ou « mais importante » faz parte da história das ciências sociais, mas sabe-se o quanto essas tentativas são vãs. O importante é dominar os conceitos específicos de sua disciplina, manejar "sabiamente" tais conceitos para o estudo dos fenômenos sociais e para reconhecer sua relatividade histórica.

P. Qual o futuro da sociologia do lazer?

R. Se a sociologia do lazer dominou a história das ciências sociais do lazer, ela deve dividir agora suas análises com as abordagens psicológicas, filosóficas, históricas, etc. O tempo de « dominação » da sociologia no estudo do lazer já passou. Cada vez mais, o campo do lazer está fracionado. Isso se vê bem nos programas de doutorado nos EUA e no Canadá : cada vez mais é questão de « human development », de meio ambiente e de ecologia, por exemplo.

P. Existe um futuro para a sociologia do lazer?

R. É inegável que nós temos grandes sociólogos do lazer do porte de Joffre Dumazedier, Kenneth Roberts ou John Kelly. Então, estou convencido de que existe sim um futuro para a sociologia do lazer! Para isso, é preciso voltar aos fundamentos da análise sociológica e não diluí-la em algumas conceituações emprestadas sobretudo da psicologia ou da gestão. E é preciso empregar a análise sociológica nos campos que constituem novos focos de interesse de conhecimento que são às vezes datados, cambiantes: por exemplo, os tempos sociais, os usos da esfera digital, etc. É preciso também ter em conta as tendências segundo os ciclos de vida e as gerações. É preciso também se aliar às sociologias do

trabalho, da cultura, por exemplo, para cruzamentos de abordagens e de análises.

P. Isso tem impacto na formação acadêmica em lazer?

R. Cada vez mais existe a forte tendência de não mais oferecer um doutorado em lazer (ou em « Recreation »), mas de ligar o lazer a outros campos, especialmente ao turismo e a questões relacionadas à saúde e ao meio ambiente. Não existe doutorado especializado em lazer na França, mas certos programas o abordam mais ou menos diretamente, muito particularmente nos domínios do trabalho social, da mediação cultural ou na geografia do turismo, ou dos « STAPS » (Sciences et Techniques de l'Activité Physique et Sportive), tão procurados que as inscrições são limitadas.

P. Qual é o legado de mais de um século, ao menos desde Veblen, da sociologia do lazer para a sociedade?

R. O legado mais importante foi ter introduzido o lazer como questão de sociedade dentro da sociologia. O lazer é hoje um campo reconhecido dentro da sociologia. Não se pode mais pensar as sociedades contemporâneas sem abordar o fenômeno do lazer. A sociologia do lazer tem, entretanto, às vezes, tendência de negligenciar conceitos verdadeiramente sociológicos em proveito de conceitos na fronteira entre a psicologia e as representações do senso comum. Fazer sociologia do lazer é, em primeiro lugar, fazer sociologia e ponto final. É empregar conceitos e métodos sociológicos num campo vasto e movediço, sem ter a pretensão de propor análises definitivas.

P. Pode-se dizer, como recentemente o fez Ken Roberts que existe um anglocentrismo nos estudos do lazer?

R. Antes do anglocentrismo, vamos voltar ao tema do « ocidentocentrismo » dos estudos de lazer. Eu penso que é necessário distinguir diversos aspectos. Em primeiro lugar, é preciso simplesmente lembrar que os estudos do lazer nasceram nas sociedades ocidentais no seio das quais esse fenômeno histórico se manifestava. Eu escrevi que o desenvolvimento dos estudos do lazer traduz a necessidade para as sociedades ocidentais de melhor compreender sua dinâmica cultural, tal como a psicologia que se apoiou sobre a emergência da noção de « pessoa » e a tendência à individualização das práticas, etc. Neste sentido, esse « ocidentocentrismo » traduz um fato histórico bem delimitado : não se pode acusar os estudos do lazer de se terem voltado para este novo objeto de estudo, assim como não se pode acusar a sociologia de ter nascido no Ocidente no século XIX! O ocidentocentrismo não diz respeito ao fato de os estudos do lazer terem nascido nas sociedades ocidentais, o mesmo valendo para a sociologia, a antropologia, a economia, etc.

P. E o anglocentrismo?

R. Se existe ocidentocentrismo é essencialmente por três razões . A primeira diz respeito à dominação do mundo anglosaxão sobre os estudos do lazer e da *recreation*. Este fenômeno não diz respeito somente ao lazer, como se percebe nas publicações especializadas. Um pesquisador é desconhecido enquanto não publica em inglês. Por exemplo, nosso conhecimento sociológico do lazer é em grande parte tributário dos sociólogos anglosaxões ou americanos. A isto se acresce uma particularidade perturbadora, que é a segunda razão : os sociólogos anglosaxões do lazer raramente se ligaram às grandes tradições sociológicas! Onde estão Durkheim, Max Weber, Erwin Goffman, Marcel Mauss, Talcott Parsons, George H. Mead, para mencionar apenas estes, na sociologia do lazer? A sociologia anglosaxã do lazer colocou-se distante dos grandes sociólogos que desenvolveram esta ciência. Assim, nada há de estranho no fato de raramente encontrarmos sociólogos nos departamentos ou faculdades ligadas ao lazer.

P. Então não é bem uma sociologia do lazer que eles produzem?

R. Há ainda uma terceira razão, particularmente importante, decorrente da precedente. Mais do que tentar se apropriar dos grandes conceitos da sociologia para tentar compreender o lazer moderno, ligamo-nos às suas características históricas e culturais. Onde estas « definições » em torno de noções de « liberdade », de « descanso », etc. Com isso, traduzíamos em concepções universais, particularidades propriamente históricas. Este é o sentido profundo do ocidentocentrismo: generalizar para o conjunto de nações características históricas particulares próprias a certas sociedades somente. No plano científico, isto significou tentar desenvolver conceitos sociológicos a partir de noções do senso comum. Erigiram-se em conceitos pseudo-sociológicos particularidades culturais próprias das sociedades ocidentais.

P. Liberdade, prazer, descanso, entre outros, seriam noções que se tentou transformar em conceitos sociológicos?

R. Estas são noções do senso comum. Não são conceitos sociológicos. Tomemos o exemplo do trabalho. Fala-se de « finalidades instrumentais » ou « finalidades expressivas » para designar os valores e as significações atribuídas ao trabalho em nossas sociedades, valores que variam segundo a idade, o tipo de profissão, a escolaridade, a situação familiar, etc. É preciso fazer o mesmo com respeito ao lazer e tentar responder à seguinte questão : « a quais conceitos sociológicos pode-se fazer apelo para compreender que as concepções usuais e populares também fazem apelo a noções tais como liberdade e prazer? » Eu propus...em 1989 um quadro de referência sociológico para tanto : *envio je t'en joins une copie ; dans le petit ouvrage que tu as traduit pour moi le chapitre 2 en traite de manière*

succinte.

P. Acredito que aqui entramos numa questão delicada. Em número da revista Sociétés¹² (de Michel Maffesoli), você, Lallive d'Épinay e Roger Sue concordam em afirmar que a sociologia nasce da noção de classe social e esta é baseada no trabalho. A sociologia do lazer não teve, então, de repensar a sociologia para poder afirmar um conceito que ser ao menos relativamente autônomo do trabalho?

R. Você tem razão de lembrar o fato. Mais do que adaptar os conceitos sociológicos ao estudo do lazer, os sociólogos do lazer tiveram tendência de reter os interesses culturais do momento, as significações sociais de uma época e de um país dados através dos quais se apreendiam as características do lazer (liberdade, prazer, etc.). Por exemplo, faz-se uma « sociologia do tempo livre » mais do que uma sociologia do tempo adaptada ao estudo do lazer. No caso do trabalho, tentamos construir a sociologia do lazer a partir de uma noção negativa e desvalorizante do trabalho. Fazemos uma sociologia das « atividades de lazer » mais do que uma sociologia da ação social.

P. Você pode ilustrar melhor essa assertiva?

R. Pode-se usar o exemplo do estudo das políticas. Na sociologia do lazer, raramente se utiliza o referencial teórico da sociologia política para estudar o lazer. Por exemplo, a sociologia americana está baseada na descrição dos programas federais, dos Estados e dos governos locais¹³. Kenneth Roberts se apega a critérios (por definição bastante subjetivos) para decidir sobre escolhas políticas em matéria de serviços públicos a oferecer à população¹⁴. Convenhamos que se trata de quadro de referência de sociologia política bastante limitado...

P. E qual seria sua recomendação?

R. Mais do que tentar definir *a priori* características que seriam próprias do lazer, características inteiramente históricas e cambiantes, determinadas por interesses sociais e culturais do momento, em função de situações próprias a diversos grupos, movimentos ou nações, é preciso em primeiro lugar tentar adaptar os conceitos da sociologia ao estudo deste campo particular (móvel e cambiante). Como eu acabo de mencionar, pode-se perguntar : « quais são os quadros de referência de análise que a sociologia nos fornece para o estudo das políticas e das estruturas públicas em matéria de lazer? » Com se inspirar com a sociologia econômica? A sociologia da comunicação é de uma grande riqueza : será que ela pode nos colocar no caminho de análises sociológicas pertinentes? E assim por

¹² Revista *Sociétés*, n. 32. Paris: Dunod, 1991.

¹³ KELLY, John R. *Leisure*. Englewood Cliffs, N.J., Prentice Hall, 1982. 426 p.

¹⁴ ROBERTS, Kenneth. *Contemporary Society and the Growth of Leisure*. London: Longman, 1978. 191 p.

diante.

P. Que palavras você quer deixar ao final para os seus leitores brasileiros?

R. A sociologia do lazer estacionou. Não há renovação teórica. Impõe-se a necessidade de um olhar novo, a partir de outra referência. Os sociólogos brasileiros têm sido muito ativos e vem mantendo de forma constante intercâmbio com sociólogos tanto anglófonos, sobretudo americanos, como francófonos. O Brasil tem programas ambiciosos de desenvolvimento de infraestruturas e de atividades para os meios populares. O SESC constitui um bom exemplo. O seu país dá um bom exemplo desenvolvendo o estudo do lazer através da pesquisa sociológica.

Endereço para correspondência

Rua Doutor Renato Paes de Barros, 56 – Ap.162 – 04530-000 – São Paulo-SP

Recebido em:

22/06/2016

Aprovado em:

08/07/2016